



INSTITUTO FEDERAL DA PARAÍBA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS A DISTÂNCIA
LINDOMAR SOARES DE ABREU

**A INCLUSÃO SOCIAL SOB A ÓTICA DO CONTO “BUCÓLICA”: OS
EFEITOS DA LEITURA PARA UMA FORMAÇÃO CIDADÃ**

SOUSA - PB

2017

LINDOMAR SOARES DE ABREU

**A INCLUSÃO SOCIAL SOB A ÓTICA DO CONTO “BUCÓLICA”: OS
EFEITOS DA LEITURA PARA UMA FORMAÇÃO CIDADÃ**

Artigo apresentado como requisito parcial para a
conclusão do Curso de Licenciatura em Letras à
Distância. Pelo Instituto Federal da Paraíba

Orientadora: Profa. Ma. Maria Leuziedna Dantas

SOUSA - PB

FOLHA DE APROVAÇÃO

LINDOMAR SOARES DE ABREU

**A INCLUSÃO SOCIAL SOB A ÓTICA DO CONTO BUCÓLICA:
OS EFEITOS DA LETURA PARA UMA FORMAÇÃO CIDADÃ**

Artigo apresentado como requisito
parcial para a conclusão do Curso de
Licenciatura em Letras a Distância.
Orientadora: Professora Ma. Maria
Leuziedna Dantas

Aprovado em 14 de março de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Maria Leuziedna Dantas
Professora Ma. Maria Leuziedna Dantas
Orientadora - IFPB

Risonelha de Sousa Lins
Professora Ma. Risonelha de Sousa Lins
Examinadora - IFPB

Rosangela Vieira Freire
Professora Dr^a. Rosangela Vieira Freire
Examinadora - IFPB

DEDICATÓRIAS

Dedico este trabalho a minha filha: Bruna Dias Pessoa de Abreu

A minha esposa: Rosa Maria Barbosa Dias

Meu filho: Bruno Vicente de Abreu

A professora: Rosangela Vieira IFPB.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por não me deixar fraquejar.

À Prof^a. Ma. Maria Leuziedna Dantas, orientadora, por aceitar o desafio de me conduzir através desse trabalho, pela sua paciência e confiança.

A todos os professores e colegas do curso da graduação que, de certa forma, contribuíram para que este trabalho fosse concretizado.

A toda minha família e, de modo muito especial, a minha esposa e aos meus filhos pela compreensão, contribuição, estímulo, carinho e paciência.

A professora Josefa Maria Neta Sousa

Ao Professor Claudeci dos Santos

A Cláudia Dias, pelo incentivo dado

.

“Saber ler e escrever, já entre gregos e romanos, significava possuir as bases de uma educação adequada para vida, educação essa que visava não só o desenvolvimento das capacidades intelectuais espirituais, como aptidão física possibilitando o cidadão integra-se efetivamente à sociedade, no caso à classe dos senhores livre”. (MARIA HELENA MARTINS)

RESUMO

Este artigo tem como objetivo abordar a questão da Inclusão social do deficiente a partir da perspectiva do conto *Bucólica*, mostrando a contribuição da leitura literária para a discussão e reflexão dessa temática. Dito isto, constatamos que a leitura é sem dúvida uma ferramenta indispensável para quebrar as correntes da ignorância, libertar dos cárceres dos opressores, ou seja, somente ela é capaz de transformar um sujeito passivo em um ser crítico e conhecedor dos seus direitos enquanto cidadão. Assim sendo, a formação social de um indivíduo passa sem dúvida pelo conhecimento da leitura e escrita. Para tanto, nos respaldamos em Martins (2006), Paulo Freire (1986) Silva (2009) entre outros. Analisamos a personagem *Anica*, evidenciando a relação entre ela e seus pais, marcada pela falta de interação. Por fim, fizemos uma análise do conto supracitado presente no livro “Urupês” de Monteiro Lobato no qual analisamos o perfil das personagens: (Anica, Maria Veva, Pedro Suã, Inácia) e como elas veem a questão da Deficiência Física de “Anica”. Ao longo deste estudo constatamos que a exclusão da personagem Anica, por parte dos seus progenitores se dá tanto pela falta de afetividade, quanto pela omissão do pai que, submisso à esposa, não faz nada para ajudar aquela criança que tem limitações físicas.

Palavras-chave: Deficiente Físico; Acessibilidade; Leitura.

ABSTRACT

This article aims to address the issue of social inclusion of the disabled from the perspective of the Bucolic tale, showing the literary reading contribution to the discussion and reflection of this theme. That said, we found that reading is undoubtedly an indispensable tool to break the chains of ignorance, free from the prison of the oppressors, that is, only she is able to become a taxable person on a be critical and knowledgeable of their direct citizen. Thus, the social formation of an individual passes without doubt the knowledge of reading and writing. Therefore, we support us in Martins (2006), Paulo Freire (1986) Silva (2009) among others. Anica analyzed the character, showing the relationship between her and her parents, marked by the lack of interaction. Finally, we made an analysis of the above this story in the book "Urupês" Monteiro Lobato in which we analyzed the profile of the characters: (Anica, Maria Veva, Pedro Suã, Inácia) and how they see the issue of Physical Disability of "Anica" . Throughout this study we found that the exclusion of Anica character, from their progenitors is given both by the lack of affection, as the failure of the father to the submissive wife does nothing to help that child who has physical limitations.

Keywords: Disability; Accessibility; Reading.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	10
1 CONCEPÇÃO DE LEITURA.....	12
2 A INCLUSÃO SOCIAL DO DEFICIENTE SOB A ÓTICA DAS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA E DEMAIS ÓRGÃOS COMPETENTES.....	13
3 A QUESTÃO SOCIAL NO CONTO <i>BUCÓLICA</i> DE LOBATO	17
3.1 RELAÇÃO DE ANICA COM SEUS PAIS.....	18
4 OS BENEFÍCIOS DA LEITURA EM SALA AULA.....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
REFERÊNCIAS	24
APÊNDICE A - Conto “Bucólica” de Monteiro Lobato	26

INTRODUÇÃO

Com o presente artigo propomos um estudo bibliográfico acerca da temática: Inclusão Social do deficiente físico, cuja relevância consiste em oportunizar ao professor de leitura e literatura, subsídio para ampliar a discussão em torno dessa temática como trabalho educativo em sala de aula. Partindo deste princípio, iremos expor a relação de descaso com que os pais de Anica a trata pelo fato da personagem ser deficiente. Mostraremos também a questão do amor maternal da escrava *Inácia* para com *Anica*.

Ao longo deste artigo mostramos trechos que comprovam a existência de classes sociais bem distintas, ou seja, como se comportam a classe rica representada pelos pais de *Anica* e a pobre representada pela escrava *Inácia*.

Tratamos também da importância da leitura para socialização de um indivíduo, ressaltando que ler não é apenas decifrar as letras, mas sim, compreender o processo pelo qual o texto passou para atingir essa estrutura cheia de significado, ler também, é compreender as diversas vozes que ecoam no texto.

Dito isto, buscamos algumas concepções de leituras apresentadas por Martins (2006) e Paulo Freire(1986), Koch(2010) entre outros que consideramos também relevantes para este estudo.

Numa visão arcaica o conceito de leitura se limitava ao processo de decifrar códigos linguísticos de uma determinada língua.

Hoje, porém essa visão como essa já não satisfaz mais o ímpeto dos leitores sedentos por conhecimentos que venham modificá-los enquanto leitores. É pensando na leitura como transformadora que buscamos compreender qual é verdadeiro papel da leitura na sociedade contemporânea. Partindo deste princípio apresentamos a seguir algumas definições de leitura relevantes para a compreensão deste fenômeno chamado leitura.

Abordamos também, a questão da Deficiência Física e as dificuldades enfrentadas por parte dos deficientes para terem acessibilidade aos mesmos mecanismos de leituras que os demais leitores.

Quanto ao trabalho em sala de aula a partir da leitura contos como o “Bucólica” contribuem para abordamos questões como: Inclusão Social, Preconceito, discriminação, entre outros temas relevantes para construção de uma sociedades mais consciente e compreensiva e engajadas em projetos sociais.

Essas dificuldades são frequentes, sobretudo para pessoas com deficiência visuais, já que o mercado editorial ainda não tem uma grande quantidade de livros em Braille disponíveis para estes leitores potenciais. Especialmente, porque, as principais obras literárias ainda não estão acessíveis para estes deficientes.

Vale ressaltar que, os deficientes embora já tenham o respeito da maioria das pessoas eles ainda sofrem muito preconceito por parte de uma minoria que injustificavelmente, não consegue aceitar as diferenças e agem com desrespeito para com os Portadores de Necessidades Especiais.

Durante a análise do conto *Bucólica* de Monteiro Lobato do livro *Urupês*, vimos como a personagem **Anica** é tratada com insensibilidade por sua mãe **Maria Veva**, simplesmente por ser Deficiente Física. Além disso, a forma como a mãe de **Anica** a tratava sempre utilizando adjetivação no diminutivo era uma forma de menosprezo e indiferença para com ela. vimos também, que a casa de **Anica** não está adaptada para ela dificultando o acesso da mesma aos demais ambientes do estabelecimento.

Vimos que o trabalho com leitura em sala de aula sobretudo, nas séries iniciais pode possibilitar o discente a ter uma nova visão sobre a realidade que o cerca bem como, contribuir para redução do preconceito contra pessoas com deficiência. Pois ao utilizarmos leitura de obras literárias como a do conto em questão podemos promover a conscientização dos alunos a respeitar as diferenças: culturais, étnicas, raciais, sociais, etc.

1 CONCEPÇÃO DE LEITURA

Para Martins (1994, p.17) nos deparamos com a leitura desde.

Quando começamos a organizar os conhecimentos adquiridos, a partir das situações que a realidade impõe e da nossa atuação nela, quando começamos a estabelecer relações entre experiências e a tentar resolver os problemas que se nos apresentam (...).

Segundo a autora aprendemos a ler desde o momento em que utilizamos nosso conhecimento prévio para solucionar problemas do nosso cotidiano, ou seja, nessa acepção lemos mesmo antes de conhecermos o código linguístico de uma determinada língua.

Ainda sobre leitura Martins (1994, p. 22) diz que:

Saber ler e escrever, já entre gregos e romanos, significava possuir as bases de uma educação adequada para vida, educação essa que visava não só o desenvolvimento das capacidades intelectuais espirituais, como aptidão física possibilitando o cidadão integra-se efetivamente à sociedade, no caso à classe dos senhores livre.

Subjaz a definição de leitura aqui apresentada que é libertar-se das grades da ignorância para exercer seu direito à liberdade, a igualdade, independentemente da cor, sexo, posição social, aptidão física ou mental etc.

Do mesmo modo Koch (2010, p. 11) afirma que:

A leitura é, pois, uma atividade altamente complexa de produção de sentido, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo.

Aqui, a autora considera a leitura como um processo sociointerativo no qual os sujeitos ao interagirem entre si, doam e recebem conhecimento. Sendo, pois, capazes de atribuir sentido ao mundo que os cercam.

Segundo os PCNs (1998):

A leitura é um processo no qual leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos (...) *ou seja*, não se trata de extrair informação, decodificada letra por letra palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção antecipação, inferência e verificação. (BRASIL, 1998, p. 69-70)

Na concepção dos PCNs a leitura é um processo dinâmico e complexo que precisa ser visto na sua totalidade, ou seja, ler é decodificar as letras, mas também é, ler as entrelinhas para compreender o textual como um todo significativo, capaz de moldar o leitor a partir da interação entre: autor-texto-leitor.

Para tanto, afirmamos que a leitura de textos, com base nesta concepção de interação em oposição à mera decodificação, possibilita ao leitor um caminho para ampliar a discussão em torno da inclusão do deficiente. Sobre isso, Silva (2009) aborda a importância de o professor ser um incentivador de práticas de leitura com efeitos de reflexão e discussão pelo texto literário, em sala de aula.

Diante disso, consideramos relevante reconhecer a importância da leitura literária em sala de aula como instrumento de aprimoramento crítico do aluno, no sentido de oportunizar não apenas a leitura como fruição, mas, sobretudo, aquela que amplia o repertório de problemáticas que retomam o contexto social do leitor.

De acordo com Iser (1996, p. 29) “a obra não oferece uma mensagem dela separável; o sentido não é reduzível a um significado referencial e o significado não se deixa reduzir a uma coisa”. Com isso, entendemos que através do diálogo entre o texto literário e o leitor, é possível levar aos questionamentos, dúvidas, opiniões em relação à temática da inclusão social do deficiente, tão negligenciada na nossa sociedade. Assim, o professor pode contribuir com a reflexão, tendo como base um trabalho com a leitura literária.

2 A INCLUSÃO SOCIAL DO DEFICIENTE SOB A ÓTICA DAS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA E DEMAIS ÓRGÃOS COMPETENTES.

Há algum tempo usamos no meio social a expressão “Inclusão Social”. Esse termo foi implantado nas instituições de ensino do Brasil tornando mais acessível a escola para as pessoas deficientes, já que até, pouco tempo, pessoas com quaisquer deficiência sofriam nelas rejeição e por educadores privando os deficientes de usufruir os direitos de frequentar uma escola de qualidade como todas as pessoas normais.

Com o passar do tempo, e com a implantação de algumas políticas públicas, as pessoas com deficiência passaram a ser vistas como capazes de ter uma educação especializada, que as incluam na sociedade, sem distinção de cor, raça, posição social e capacidade motora, e intelecto.

Já as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (2013, p. 126) dizem que:

(...) o processo de inclusão é buscar a universalização do atendimento, as escolas públicas e privadas deverão também contemplar a melhoria das condições de acesso e de permanência dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades (...). Os recursos de acessibilidade, (...), assegurando condições de acesso ao currículo dos alunos com deficiência e mobilidade reduzida (...).

De acordo com as Diretrizes Curriculares a Inclusão Social deve partir do pressuposto de que todos são iguais e merecem ser tratados como tal. Assim sendo, cabe à escola buscar meios para a acessibilidade de pessoas com deficiência ao ambiente escolar bem como o contato deste com outras pessoas para que as pessoas especiais sintam-se incluídas na sociedade.

Ao encontro do que diz as Diretrizes Curriculares, a Resolução nº 7 de Dezembro de 2010 em seu artigo 5ª determina que:

O direito a educação, entendida como direito inalienável do ser humano, constitui o fundamento maior destas diretrizes. A educação, ao proporcionar o desenvolvimento do potencial humano, permite o exercício dos direitos civis, políticos, sociais e do direito à diferença, sendo ela mesma (...) um direito social, e possibilita a formação cidadã e o usufruto dos bens sociais e culturais (BRASIL. 2013. 130)

Aqui, podemos perceber que o direito à educação é um fator indispensável para a formação de cidadãos conscientes dos seus direitos e deveres como também sabedores de que independente das limitações que cada indivíduo possa ter, em seus aspectos físicos e mentais. Não os tornam melhores nem piores que os demais, mas apenas diferentes, porém com os mesmos direitos e deveres e, possivelmente com as mesmas aptidões que pessoas consideradas normais.

Foi somente a partir da década de 80 que o Estado elaborou declarações e tratados que passam a defender a Inclusão Social de pessoas deficientes em todas as repartições públicas e as incluem no mercado de trabalho através de cotas em concursos públicos etc.

Mas, já 1988, a Constituição da República apresenta em seu artigo 3º, e inciso IV um dos objetivos fundamentais para a inserção de deficientes físicos em escolas e em outras seções. Nesse sentido, ela ratifica que “promoverá bem para

todos, sem preconceito de origem, raça, cor, sexo, idade e quaisquer outras formas de discriminação. Garante atendimento as pessoas com deficiência preferencialmente na rede regular de ensino.” (BRASIL, 1988, p. 2).

É preciso ter a consciência de que o conceito de deficiência abrange a incapacidade parcial ou total que o individuo possa ter, para exercer toda e qualquer atividade, que para pessoas normais é uma pratica simples.

Mas acreditamos que pessoas com deficiência podem desenvolver quaisquer atividades funcionais é claro, respeitando sua limitação e condição física. Mas, tudo isso só será possível se o poder público e demais autoridades contribuírem para inclusão dos deficientes no mercado de trabalho e na sociedade.

Segundo a Constituição brasileira, as deficiências se classificam em:

Deficiência auditiva, no Decreto nº 5.296/04, art 5º, inciso 1º, "b", é a perda bilateral, parcial de 1 decibéis (dB), ou mais aferida por audiograma, [...] ou seja, são perdas leves e moderadas de audição a incapacidade de ouvir determina os sons em diferentes grau de intensidade podendo acarretar distúrbio na comunicação oral e necessitarem de professores e aparelhos especiais.[...].

Deficiência visual, de acordo com o Decreto nº 5.296/04, [...] é a incapacidade de enxergar com clareza: cegueira, no qual a acuidade visual é igual ou menor que 0,05 e baixa visão que significa acuidade visual entre 0,3 e 0,05. [...]. As pessoas com baixa visão são aquelas que mesmo usando óculos, lentes ou implante intraoculares não conseguem ter uma visão nítida. [...]

Deficiência mental, de acordo com Decreto nº 5.296, art 5º, inciso 1º, "d", conceitua-se com deficiência mental o funcionamento intelectual significa mente inferior a média associado a limitações de duas ou mais áreas de habilidades adaptativas, tais como: comunicação, acuidade [...]. A deficiência intelectual ou mental é conhecida por problemas com origem no cérebro e que causam baixa produção de conhecimento, dificuldade de aprendizagem e um baixo nível intelectual. [...]

Deficiência múltipla, á a associação de duas ou mais deficiências o individuo é afetado em duas ou mais áreas, caracterizando uma associação entre diferentes deficiências. (BRASIL, 2004, p. 33-34-35).

Já o decreto nº 3.298 de 1999, da legislação brasileira define a deficiência da seguinte forma:

Art. 4ª – Deficiência Física – alteração completa ou parcial e uma ou mais segmentos do corpo humano acarretando o comprometimento da função física, apresentado sob forma de paraplegia, paraparesia, monoplegia, monoparesia, tetraplegia, tetraparesia, triplicia,

triparesia, hemiplegia, hemiparesia, amputação ou ausência do membro, paralisia cerebral, membros com deformidades congênitas ou adquiridas, exceto as deformidades estéticas e que não produzam dificuldades para o desempenho de funções. (BRASIL, 1999, p. 23).

Subjazem as definições acima apresentadas com relação à deficiência física compreendemos que deficiente é todo e qualquer indivíduo que apresenta limitações físicas, psíquicas que possam comprometer o desempenho de qualquer atividade das mais simples as mais complexas. Com relação à deficiência física ela pode ser parcial ou total, e neste caso, a atenção para com o deficiente deve ser redobrada já este requer um cuidado ainda mais especial do que os demais.

São várias as causas da deficiência física, mas a mais comum é a oriunda da má formação congênita do feto, sobretudo, durante a gestação. Há também as deficiências provocadas, especialmente quando ocorrem acidentes onde as vítimas têm alguns de seus membros amputados ou quando sofrem lesão cervical provocando a tetraplegia ou paraplegia.

A seguir veremos uma definição mais clara do que seja paralisia cerebral e outras paralisia.

- Paralisia Cerebral: por prematuridade; anóxia perinatal; desnutrição materna; rubéola; toxoplasmose; trauma de parto; subnutrição; outras.
 - Hemiplegias: por acidente vascular cerebral; aneurisma cerebral; tumor cerebral e outras.
 - Lesão medular: por ferimento por arma de fogo; ferimento por arma branca; acidentes de trânsito; mergulho em águas rasas. Traumatismos diretos; quedas; processos infecciosos; processos degenerativos e outros.
 - Amputações: causas vasculares; traumas; malformações congênitas; causas metabólicas e outras.
 - Febre reumática – doença grave que pode afetar o coração.
- [...]
- Miastenias graves (consistem num grave enfraquecimento muscular sem atrofia). (BRASIL, 2006, p. 22).

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069/90, no artigo 55, determinar que “os pais ou responsáveis têm a obrigação de matricular seus filhos ou pupilos na rede regular de ensino”. (BRASIL, 2001 a, p. 21).

Nesse sentido, os órgãos competentes buscam instrumentos essenciais para inclusão e a aprendizagem de pessoas com deficiência aprimorando em relação aos níveis de leitura, escrita, a expressão oral, entre outras habilidades necessárias

para uma formação cidadã. Ou seja, para que elas possam desenvolver plenamente habilidades necessárias para melhorar sua qualidade de vida.

Todos os aspectos abordados anteriormente, tidos como essenciais para a construção de conhecimento devem estar interagindo com o conhecimento do aluno já que a escola sob a ótica interacionista é o ambiente onde os educandos trocam experiências uns com os outros ampliando assim seu grau de percepção das coisas no mundo. Do mesmo modo a leitura interacionista tem como eixo norteador as relações interpessoais dos seus interlocutores para a construção do saber escolarizado.

3 A QUESTÃO SOCIAL NO CONTO *BUCÓLICA* DE LOBATO

Ao longo do conto podemos perceber que a questão social é sempre relevante para compreendermos a relação de exclusão social por várias razões. Como podemos perceber a partir das passagens extraídas do conto em questão.

*- Flor à toa, diz a gente roceira.
São coitadinhas, a plebe humílima. A nobreza floral mora nos jardins,
esplendido cores de dança serpentina sob formas luxuosas de
odaliscas. A duquesa Dália, sua majestade a Rosa. (LOBATO. 1994,
P. 99-100)*

Nesta passagem podemos perceber o abismo existente entre a classe social rica em comparação à pobre. Para isso Lobato usa analogicamente a comparação entre dois jardins um floral e cheio de rosas de diferentes espécies. E em oposição a este outro com poucas flores.

Esta exclusão dar-se-á por questões sociais. Pois, enquanto o primeiro representa a classe rica. O segundo representa a pobreza. De modo que, este contraste social é constante no decorrer do conto como podem ver a seguir.

*- (...) Lutaram sem tréguas contra o solo tramando de raízes
concorrentes, contra as lagartas, contra os bichos que pastam (...) –
tentativa de azul¹ com que se enfeitam as feiticeirinha! (LOBATO.
1994,p.100*

¹ A expressão “tentativa de azul” representa simbolicamente, a luta da classe pobre para alcançar a ascensão social uma vez que o sangue azul representa a nobreza.

Neste trecho o autor mostra a luta da pobreza para conseguir sobreviver. Já que ela enfrenta dificuldades em seu dia a dia durante a tentativa de alcançar ascensão social, esta, na maioria das vezes, luta apenas pela sua própria sobrevivência.

Fazendo analogia com a passagem acima podemos evidenciar também a luta das pessoas deficientes que se deparam a cada dia com barreiras que as impedem de praticar algumas atividades ou de exercer determinadas funções simplesmente, por serem limitados fisicamente. E em casos mais graves são até impedidos de circular livremente nas ruas, ou até mesmo, nas escolas por falta de acessibilidade.

Porém, devo salientar que algumas escolas têm evoluído e tentado se adequar as pessoas especiais, quando dão condições para que a inclusão de deficientes em seu ambiente escolar seja cada vez mais comum. ..

Na contramão das dificuldades enfrentadas pela classe pobre está a rica. Representada pelas “flores do jardim” que vivem na abundância sendo bem cuidadas e com todas as regalias.

A mesma comparação se aplica as pessoas com deficiência em detrimento das tidas como “normais”, pois, enquanto estas vivem normalmente, aquelas na maioria das vezes, vivem aprisionadas em sua deficiência e quando buscam se libertar desta prisão são rejeitadas pelas pessoas comuns que veem na deficiência daqueles, motivo para considerá-los limitados e incapazes.

Embora, muitos tenham essa visão equivocada sobre as pessoas com deficiência o que se ver na prática são pessoas deficientes sim, mas altamente competentes e com muita força de vontade e aptos a enfrentar as dificuldades e o preconceito vivenciados todos os dias.

Reportando ao texto, sobretudo, à questão da Anica, vimos que ela sofre com a exclusão afetiva já que seus pais a excluem do convívio social e principalmente familiar. Além disso, ela também foi excluída da sala de aula, pois os pais da mesma, talvez por ignorância acreditem que *Anica* não tem capacidade de frequentar a escola. Ou seja, que ela é incapaz de aprender, simplesmente por ter uma limitação física.

3.1 RELAÇÃO DE ANICA COM SEUS PAIS

A seguir apresentamos um diálogo entre a mãe de *Anica*, *Maria Veva* e a sua escrava *Inácia*, nele *Veva* demonstra toda a sua indiferença para com sua filha.

Veva (...) morreu a menina?
 - *É.*
E de que morreu?
 - *Deus é que sabe. (LOBATO, 1994, p. 103)*

Nesse diálogo entre *Maria Veva* e *Inácia*. Podemos perceber a indiferença daquela diante da morte da menina. Aqui, fica implícito que a *Maria Veva* rejeitava a filha porque esta era Deficiente Física.

O marido – coitado - um bobo que anda pelo cabresto
 - *Pedro Suã. (...)*
 - *vai caçar?*
 - *Antes fosse, vou cuidar do enterro.*
 - *Enterro?...*
 - *Pois morreu lá a menina, a Anica.*
 (...) *Morreu de morte... Estupida! (LOBATO. 1994, p. 102)*

Nesse momento, intuímos que *Pedro Suã* demonstra ser um pai afetuoso, mas, como é submisso à esposa não pode fazer nada para ajudar sua filha a menina *Anica*, culminando assim, com a morte desta por não conseguir beber água no pote, pois ele estava a uma altura que a impossibilitava de conseguir água, além disso, como vimos, ela é descrita preconceituosamente como entevada.

Em outra passagem, vejamos como *Maria Veva* tratava a sua filha.

Pestinha, por que não morre? Boca à toa, a comer, a comer.
Estica o cambito, diabo!
 (...) *“Quero água, nha mãe.”*
 - *Cala a boca, peste!”*

Como podemos ver, no fragmento acima, *Maria Veva* despreza *Anica* por causa da sua deficiência como se esta, não merecesse viver simplesmente, por ter necessidades especiais. Nesse sentido o preconceito de *Veva* é tão grande que ela deseja a morte de sua própria filha.

Com relação à acessibilidade na casa da menina, vimos que a casa não está adaptada para pessoas deficientes e esta realidade como podem ver no trecho abaixo também se aplica ao cotidiano das pessoas com deficiência que não tem acesso a ambientes adaptado, e a maioria das vezes os deficientes são rejeitados

pelos seus pais, amigos e demais autoridade, simplesmente por causa de suas limitações.

O pote, em cima da caixa, ficava alto, e a caneca estava tal qual no lugarzinho de costume. (LOBATO. 1994, P. 105)

Diante da descrição acima, podemos perceber que a casa de *Anica* não estava adequada as suas necessidades dificultando assim, sua autonomia, já que ela morreu porque não conseguiu beber água sozinha. Pois o pote estava inacessível a ela.

Assim como na vida real a personagem “Anica” tem dificuldades como por exemplo a inacessibilidade a água do pote que ficava a uma altura adequada para as pessoas normais, mas que para ela aquela altura era uma dificuldade culminando assim, com a morte da menina. Além da dificuldade enfrentada por ela podemos questionar também a negligencia dos pais da personagem que mesmo sabendo das limitações da filha e nada fez para ajudá-la.

A busca por água também pode simbolizar a busca por vida pois, a água também é fonte de vida. Neste sentido o clamor da personagem Anica pode ser compreendida como sendo a busca pela vida.

Ao longo do conto também evidenciamos uma adjetivação no diminutivo sempre constante no discurso de Maria Veva, como forma de diminuir a personagem Anica, a partir desta percepção evidenciamos o grau de rejeição de Veva para com a menina.

A dificuldade enfrentada pelos cadeirantes quando não conseguem andar nas ruas pois as calçadas são irregulares quando não conseguem pegar um ônibus pois nele não tem elevador etc. todas essas restrições da vida real se equivalem as limitações enfrentada pela personagem **Anica**. Estes são alguns de muitos problemas vivenciados pelos portadores de necessidades especiais.

4 OS BENEFÍCIOS DA LEITURA EM SALA AULA

A leitura em sala de aula pode trazer vários benefícios para os sujeitos nela envolvidos. Assim sendo, ela pode contribuir para ampliar os horizontes dos alunos bem como torná-los cidadãos mais compreensivos e complacentes.

Contudo a abordagem de temas como o da “Inclusão Social” em sala de aula além contribuir para a redução do preconceito por parte daqueles que não tem o mínimo de conhecimento sobre a questão da Inclusão, pois muitos, nem se que sabem quais são os direitos que um portador de “Necessidade Especial” têm perante a lei assim sendo, às vezes deixamos de respeitar o direito de uma pessoa especial quando estacionamos em vagas destinadas a pessoas deficientes, ou quando menosprezamos um individuo simplesmente por ser um sujeito com limitação.

Voltando ao conteúdo do conto analisado em questão, por vezes cometemos os mesmos erros cometidos pela mãe de Anica, Veva, quando usamos termos que, de certo modo demonstra desprezo, descaso para com as pessoas Deficientes.

Contudo, a partir da leitura de textos que trata da temática da inclusão podemos reduzir ou amenizar os vários tipos de preconceitos contra as pessoas com necessidade especiais. Pois como frisou Koch (2010) quando lemos atribuímos sentidos a nossa vida e reduzimos o nosso preconceito para com o outro. Visto por esta ótica a leitura vem ser indispensável em sala de aula, sobretudo quando se quer transformar os alunos através da leitura, pois somente ela pode auxiliar as outras pessoas (os leitores) a interagir melhor com pessoas deficientes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo buscamos analisar o conto *Bucólico*, focando-se na inclusão social do deficiente, a partir da abordagem do comportamento das personagens *Anica*, *Pedro Suã*, *Maria Veva* e *Inácia*. Procurando compreender como a relação de *Pedro Suã* e *Maria Veva* como progenitores de uma menina deficiente conhecida como *Anica*, vimos que os pais da menina não contribuem para a inclusão de *Anica* em seu meio social.

Como se não bastasse os pais da menina nomeiam uma escrava para cuidar dela e embora esta escrava fosse afetuosa, não supria o vazio deixado pelos pais que ignoravam a presença de *Anica* simplesmente, porque ela era deficiente.

A partir deste artigo, podemos compreender que as dificuldades enfrentadas pelos deficientes físicos na ficção refletem a realidade. Pois, assim como na ficção na realidade os deficientes também enfrentam inúmeros problemas como os aqui, apresentados.

É sabido que o direito à acessibilidade é garantido por lei assim, as dificuldades encontradas no cotidiano sejam escolares ou não, jamais devem ser motivo de exclusão dessas pessoas da sociedade.

Vimos também, que a acessibilidade constitui uma vitória muito importante para o exercício da cidadania e para uma formação cidadã. Outro fator importante para inserção de pessoas especiais na sociedade é o conhecimento de leitura e escrita. Pois, como vimos a partir das incursões feitas pelas definições de leitura apresentada pelos autores mencionados, ao longe deste estudo, podemos comprovar que a leitura tem o poder de transformar as pessoas e em consequência disso torná-las mais compreensivas quanto à questão da Inclusão Social de pessoas deficientes, tanto nas escolas como também, no mercado de trabalho.

No que se refere à inclusão através da leitura, vimos que esta parece ser a melhor saída para termos uma sociedade mais justa e igualitária e comprometida em ajudar o próximo, sobretudo se este estiver alguma limitação física ou mental. Como já foi dito essas dificuldades são mais alarmantes quando se tratam de crianças que não têm maturidade para lutar pelos seus direitos de cidadão

É importante ressaltar também que para inibir a exclusão é preciso que tenhamos consciência de que os nossos preconceitos devem ser destruídos, e desse modo, atitudes como a de pais que isolam seus filho simplesmente, por

acreditarem que não devem conviver normalmente como as demais crianças tidas como normais devem ser abolidas .

Embora o estudo feito nessa análise tenha sido satisfatório para o que nos propomos, temos consciência que este trabalho não é suficiente para concluir a abordagem de uma temática tão complexa como é da Inclusão Social do Deficiente, ficando, pois, aberturas para complementações dos leitores, bem como daqueles que desejarem continuar este estudo. Dito isto, esperamos que esta pesquisa estimule estudos futuros acerca da importância da leitura para construção de uma sociedade mais justa e menos preconceituosa, e que este artigo sirva de motivação para estudantes e profissionais das letras.

REFERÊNCIAS

BRASIL, **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. LDB 7ª ed Brasília: MEC/SEE 2013.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclo de ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília MEC/SEF, 1998.

_____. Casa Civil. **Estatuto da Criança e do Adolescente no Brasil**. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasília: CC, 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm>. Acesso em: 09 março. 2016.

_____. Casa Civil. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: CC, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm>. Acesso em: 12 março 2016.

_____. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Especial. **Lei Nº. 3.298**, de 20 de dezembro de 1999. Brasília: MEC/SEE, 1999.

_____. Ministério da Educação. **Portaria 1679** de 03 de dezembro de 1999. Brasília: 1999. Disponível em: <http://www.inf.ufsc.br/~jbosco/IEE/MEC_dez99.htm> Acesso em 12 de março. 2016.

_____. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Especial. Plano Nacional de Educação. **Lei Nº 10.172**. Brasília: MEC/SEE, 2001.

_____. Ministério da Educação e Cultura. **Decreto Nº 3.956**, de 8 de outubro de 2001. Promulga a Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência. Brasília: MEC, 2001.

_____. **Decreto Nº 5.296**, de 2 de dezembro de 2004. Lei de Acessibilidade. Disponível em: <<http://www.81.dataprev.gov.br/sislex/paginas/23/2004/5296.htm>>. Acesso em: 13 março de 2016.

_____. Ministério da Educação e Cultura. **Formação Continuada a Distância de Professores para o Atendimento Especializado**. Deficiência Física. Brasília: MEC, 2006.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Promulgada em 5 de outubro de 1988. 42. ed. atual. ampl. São Paulo: Saraiva, 2009.

FILHO, José Nicolau Gregório. **Literatura Infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1986.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. Tradução de Der Akt des Lesens. São Paulo: Ed. 34, 1996.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LOBATO, Monteiro. **Urupês**. 37ª ed. revisada-São Paulo: brasiliense 1994.

MARTINS, Maria Helena, **O que é leitura**. 19 ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994.

PAIO, Maria José e Maria Rosa D. Oliveira **Literatura infantil : voz de criança**. – 4ª.ed. - São Paulo : Ática, 2006.

SILVA, Vera Maria Tietzmann . **Leituras literárias e outras leituras**: Impasses e alternativas no trabalho do professor. Belo Horizonte: RHT, 2009.

APÊNDICE A - Conto “Bucólica” de Monteiro Lobato

Bucólica

Bucólica Tanta chuva ontem!... O cedrão do pasto fendido pelo raio - e hoje, que manhã!

A natureza orvalhada tem a frescura de uma criancinha ao deixar o banho. Inda há rolos de cerração vadia nas grotas. O sol já nado a ela com tanta preguiça de recolher os véus de neblina... A vegetação toda a pingar orvalho, bisbilhante de gotas que caem e tremelicam, sorri como em êxtase. Há em cada vergôntea folhinhas de esmeralda tenra brotadas durante a noite. A mão de quem passa não resiste: colhe-as de alcance, porque é um gosto mordiscar-lhe a polpa macia.

Meu Deus! O que vai de aranhóis pela relva - nos galhinhos de joveva, nas flechas de capim, grandes e pequeninos, todos mimosos de desenho, tecidos a fio de seda... Compraz-se a noite em agrupar neles milhões de diamantezinhos que a luz da manhã irisa. Malmequeres por toda a parte - amarelos, brancos. E tanta flor sem nome...

.- Flor à-toa, diz a gente roceira.

São, coitadinhas, a plebe humílima. A nobreza floral mora nos jardins, esplendendo cores de dança serpentina sob formas luxuriosas de odaliscas. A duquesa Dália, sua majestade a Rosa, o samurai Crisântemo - que fidalguia. Bem longe estão destas aqui, azuleguinhas, um pouco maiores do que uma conta de rosário.

Não obstante, veio nestas mais alma. Leio mil coisas sua modéstia. Lutaram sem tréguas contra o solo tramado de raízes concorrentes, contra as lagartas, contra os bichos que pastam. Que tenacidade, que prodígio de economia não representam estas iscas de pétalas, e o perfume agreste que as oloriza, e a cor - tentativa de azul - com que enfeitam, as feiticeirinhas!

São belas, sim - da sua beleza, a beleza selvática de coisas que jamais sofreram a domesticação do homem. As flores de jardim: escravas de harém... Adubo farto, terra livre, tutores para a haste, cuidados mil - cuidado do homem para com a rês na ceva... As agrestes morrem livres no hastil materno; as fidalgas, na guilhotina da tesoura. Fábula do lobo e do cão...

Que ar! A gente das cidades, afeita a sorver um indecoroso gás feito de pó em suspensão num misto de mau azoto a pior oxigênio, ignora o prazer sadio que é sentir pulmões borbulhantes deste fluido vital em estado de virgindade. O oxigênio fresquinho foi elaborado naquele momento pela vegetação viçosa. Respirá-lo é sorver vida nascente.

Ali, o rio. Ingazeiros desganhados pendem sobre ele franças, cujas pontas lhe arrepiam o espelho das águas; Caem na corrente flores mortas. O movediço esquife cc dulas com mimo até a barulhenta corredeira próxima; irritado, amarfanha-as, fá-las pedaços - e as coitadinhas viram babugem.

Margeia o rio a estrada, ora d'ocre amarelo, ora roxa terra; aqui, túnel sob a verdura picada no alto de nesga de luz; além, escampa. Nos barrancos há tocos de raízes decepadas pelo enxadão e covas de formigueiros mortos onde as corruíras armam ninho.

Surgem casebres de palha.

Lá na aguada bate roupa uma mulher.

Rumor no mato... Sai dele, de lenha ao ombro, uma cabocla.

Sinh'Ana, bom dia! Que é do Luiz?

No eito, coitado.

Sarou bem?

- Ché que esperança! Melhorzinho. Panarício é uma festa!... Baitacas em bando, bulhentas, a sumirem-se num capão d'anjico. Borboletas amarelas nos úmidos. Parece um debulho de flores de ipé.

Uma preá que corta o caminho.

Pega, Vinagre!

Outra casinha, lá longe. É a toca do Urunduva, caboclo maleiteiro. Este diabo tem no sítio a coisa mais bela da zona - a paineira grande. Dirijo-me para lá. Um carreirinho entre roças, a pinguela, um valo a saltar... Ei-la! Que maravilha!

Derreada de flores cor-de-rosa, parece uma só imensa rosa crespa. Beija-flores como ali ninguém jamais viu tantos. Milheiros não digo - mas centenas, uma centena pelo menos lá está zunindo. Chegam de longe todas as manhãs enquanto dura a festa floral da paineira mãe. Voejam rápidos como o pensamento, ora librados no ar, sugando uma corola, ora riscando curvas velocíssimas, em trabalhos de amor.

Que lindo amor - alado, rutilante de pedrarias!... Respiro um ar cheiroso, adocicado, e fico-me em enlevo a ver as flores que caem regirantes. Se aflu mais forte a brisa, despegam-se em bando e recamam o chão. Devem ser assim as árvores do país das fadas...

O Urunduva? É ele mesmo. Amarelo, inchado a arrastar a perna...

Então, meu velho, na mesma?

Melhorzinho. A quina sempre é remédio.

Isso mesmo, quina, quina.

É... mas está cara, patrão! Um vidrinho assim, três cruzados. Estou vendo que tenho de vender a paineira.

-??

- Não vê que o Chico Bastião dá dezoito mil réis por ela - e inda um capadinho de choro. Como este ano ca you demais, vem paina p'r'arrobas. Ele quer aproveitar derruba e...

-Derruba!...

-Derruba e...

-Por que não colhe a paina com vara, homem de Deus?

-Não vê que é mais fácil de derrubar... Derruba!... - Derruba!... Aquela maleita ambulante é "dona" da árvore. O Urunduva está classificado no gênero "Homo". Goza de direitos. rei da criação e dizem que feito à imagem e semelhança de Deus. - Adeus, Sicorax! Para alguma coisa sirva a literatura...

Roças de milho. A terra calcinada, com as cinzas escorridas pelo aguaceiro da véspera, inça-se de tocos carbonizados, e árvores enegrecidas até meia altura, a paulama a carvão. Entremeio, covas de milho já espontando folhinhas tenrra.

-Derruba!

Adiante, feijão. O terreno varrido, cor de sépia, pontilhado pelo verde das plantas recémvindas, lembra chita de velha: as velhas gostam de chitas escuras com pintas verdes.

É aqui o sítio da Maria Veva. Tem ruim fama esta mulher papuda. Má até ali, dizem.

O marido - coitado - um bobo que anda pelo cabresto - Pedro Suã. Ganhou este apelido desde o célebre dia que a mulher o surrou com um suã de porco. Lá vem ele de espingardinha...

Vai caçar?

Antes fosse. Vou cuidar do enterro.

Enterro?...

Pois morreu lá a menina, a Anica. Antes morrer de fome... - Que coisa houve?

- Mas de que morreu a menina, criatura?

Pobrezinha! De quê?

- A gente sabe? Morreu de morte...

Estúpido!

Sem querer, dirijo-me para a casa dele. Não gosto da Veva. É horrenda, beijo rachado, olhar mau - e aquele papo! - Então, Nhá, morreu a menina? Soube-o ainda agora pelo Suã...

- É.

Que resposta seca! –

E de que morreu? –

Deus é que sabe.

Peste! E como a atrevidaça me olha duro! Sinto-me mal. Fujo dali com este horrível som a azoinar-me a cabeça em sua presença.

Arrepio caminho, entristecido. A manhã vai alta, já crua de luz. O sol, estúpido; o azul, de irritar. Que é dos aranhóis? Sumiram-se com o orvalho que os visibiliza. Estão agora invisíveis, a apanhar insetinhos incautos que Nhá Veva Aranha devora. A paisagem perdeu o encanto da frescura e da bruma. Está um lugar comum. Não vejo flores tenras nem pássaros. O excesso de luz dilui as flores, o calor esconde as aves. Só um caracará resiste ao mormaço, empoleirado num tronco seco de peroba. Está de tocaia aos pintos do Urunduva, o rapinante.

Um vulto... É mulher... Será a Inácia? Vem de trouxa à cabeça. É ela mesma, a preta agregada aos Suãs.

- Então, rapariga?

- Ai, seu moço, vou-me embora. Alguém há de ter dó da velha. Na casa da peste papuda, nem mais um dia! - Não sabe que morreu a aleijadinha? Pois é, morreu. Morreu, a pobre, só porque ontem esta sua negra foi no bairro do Libório e a chuva me prendeu lá. Se eu pudesse adivinhar... Mas de que morreu a menina, criatura?

- Sabe do que morreu? Morreu... de sede! Morreu, sim, eu juro, um raio me parta pelo meio se a coitadinha não morreu...

Aqui soluços de choro cortaram-lhe a voz. ... de seeeede! Meu Deus do céu, o que a gente não vê neste mundo!

A menina era entrevada e a mãe, má como a irara. Dizia sempre: Pestinha, por que não morre? Boca à-toa, a com a comer. Estica o cambito, diabo! Isto dizia a mãe - m hein? A Inácia, entretanto, morava lá só para zelar da a1eijadinha. Era quem a vestia, e a lavava, a arrumava o prí nho daquele passarico enfermo. Sete anos assim. Excelente negra!

- Coisa de três dias 'garrou uma doencinha, dor cabeça, febre. Dei chá de hortelã; nada. Dei cidreira; nao Sempre a quentura da febre. Disse comigo: "Vou lá bairro e trago uma dose." Fui, é longinho, três quartos de légua. O curador me deu a dose, mas quem disse de poder voltar? Uma chuvarada... Pousei no Libório. Hoje, manhãzinha, vim.

Entrei alegre, pensando: a coitadinha vai sarar. Eu que pisei na alcova, dou com a menina espichada na esteira fria. Anica! Anica! Quando vi bem que estava morta verdade, ah, seu moço, berrei como nunca na minha vida.

- "Nhá Veva, de que jeito morreu Anica, come, conti Nhá Veva quieta, repuxando a boca. Uma pedra! em circa da menina, beijei, chorei. Nisto, uma cutucada era o Zico, aquele negrinho, sabe? Olhei p'ra ele: fez jeito de me falar longe da taturana. Lá fora me contou tudo. menina, des'que eu saí piorou. Mas quietinha sempre. Noite alta, gemeu.

- "Cala a boca, peste!", gritou do outro quarto

- a nhá mãe, veja!

"Quero água, nhá mãe." "Cala a boca, peste!"

A menina calou. Mais tarde gemeu outra vez, baixinho

"Quero água! Quero água!"

Ninguém se mexeu.

"E tu, negrinho safado, por que não acudiu a menina,

"Não vê! Eu conheço Nhá Veva!..."

Seu Pedro, aquele trapo, esse estava na pinga de todo dia. Ninguém na casa para chegar uma caneca d'água à boca da doentinha. Ela, um chorinho ainda; depois, mais nada. De manhã...

Lágrimas escorriam a fio pela cara da preta e soluços de dor cortavam-lhe as palavras.

- De manhã foram encontrar a menina morta na cozinha, rente ao pote d'água. Arrastou-se até lá, o anjinho que nem se mexer na cama podia - e morreu de sede diante da água!...

-Quem sabe se...

- Não bebeu, não! O pote, em cima da caixa, ficava alto, e a caneca estava tal a qual no lugarzinho do costume. Não bebeu, não! Morreu de sede, o anjo!

Enxugou as lágrimas na manga.

- Agora vou no Libório. Se ele me quiser, fico. Se não, sou bem capaz de me pinchar nesse rio. Este mundo não paga a pena...

Sol a pino. Desânimo, lassidão infinita...